



Aprendizagem histórica de professores e alunos: relação teoria e prática

ROSI TEREZINHA FERRARINI GEVAERD¹

Introdução

Este trabalho consiste em apresentar alguns resultados obtidos a partir de cursos de formação continuada² oferecida aos professores de História da Rede Municipal de Ensino de Curitiba (RME). Esses cursos, em caráter de extensão universitária, têm sido organizados, desde 2010, com a parceria entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR), mais especificamente, com o Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH) e a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (SME), sob a docência da Profa. Dra. Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt.

O objetivo central da formação continuada tem sido o de propiciar subsídios teórico e metodológico das investigações no âmbito da Educação Histórica com ênfase para o conceito de literacia histórica, fonte histórica, conceitos substantivos e epistemológicos, produção de narrativas em aulas de História, tendo como referência autores como Lee (2001, 2005), Barca (2006), Rüsen (2012), Schmidt e Cainelli (2010), entre outros.

Um dos princípios gerais norteadores da metodologia proposta é a possibilidade de superação da escola como instituição reprodutora e disciplinadora e a sua apreensão como espaço da experiência social, onde os sujeitos envolvidos nas relações pedagógicas podem agir no sentido da transformação de suas práticas sociais, desde que existam condições objetivas para uma nova relação entre os sujeitos e destes com os saberes escolares (DUBET; MARTUCELLI, 1997; CHARLOT, 2000). Nesse sentido,

¹ Professora de História da Rede Municipal de Ensino de Curitiba; atua na Secretaria Municipal da Educação; professora no curso de Pedagogia da Faculdade São Braz; pós-doutorado em Educação pela UFPR.

² A proposta da formação continuada insere-se no contexto das ações referentes ao projeto “Aprender a ler e aprender a escrever em História”, aprovado como bolsa produtividade Cnpq/2006. Assim como, está circunscrito no conjunto de atividades que a coordenadora, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt e a vice-coordenadora, Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia, vêm realizando como líderes do grupo de Pesquisa Cultura, saberes e educação histórica, certificado pela UFPR, constituindo-se também como uma das realizações do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica – LAPEDUH, integrado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR.

2

o professor tem a possibilidade de atuar como “investigador social e organizador de atividades problematizadoras” (BARCA, 2004: 134).

Entre os objetivos dessa formação prioriza-se a orientação para o desenvolvimento de estudos exploratórios em aulas de história, bem como para a produção de artigo científico com a finalidade de apresentação dos resultados dos referidos estudos em eventos de cunho local, nacional e/ou internacional, assim como a publicização dos mesmos. Para a orientação desses trabalhos optou-se pela metodologia da pesquisa colaborativa na perspectiva de Ibiapina (2008: 31), na medida em que essa autora considera que essa forma de pesquisa é a “atividade de coprodução de saberes, de formação, reflexão e desenvolvimento profissional, realizada interativamente por pesquisadores e professores com o objetivo de transformar determinada realidade educativa”.

Formação continuada: pressupostos teóricos e metodológicos

Tendo como perspectiva a aprendizagem histórica dos alunos e, para isso, buscando a relação entre a teoria e a prática, a formação continuada na RME, mais especificamente, para os anos finais do ensino fundamental, tem tomado como pressupostos teóricos e metodológicos os procedimentos da aula oficina de Isabel Barca (2004), pois de acordo com a autora, ensinar história, nessa perspectiva, requer alguns princípios norteadores para a aula de história, entre eles, o de levantar e trabalhar de forma diferenciada as ideias iniciais que os alunos manifestam tacitamente, mas, como alerta tendo em atenção que essas ideias prévias podem ser mais vagas ou mais precisas, mais alternativas à ciência ou mais consentâneas com esta (BARCA, 2004: 136).

Além disso, tomamos como referência os estudos de Peter Lee (2005), mais especialmente os referentes aos conceitos substantivos e epistemológicos da história. Para o autor, conceitos substantivos da história são conceitos como comércio, nação, protestante, escravo, tratado ou presidente, e são encontrados quando trabalhamos com tipos particulares de conteúdos históricos. Eles são parte do que podemos chamar de *substância* da história e, por isso, têm sido denominados *conceitos substantivos*. Tais conceitos pertencem a diferentes tipos de atividade humana, como a econômica, a política, a social e a cultural (2005: 61). Os professores têm selecionado esses conceitos a partir das Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba (2006) de acordo com o ano de escolarização em que atuam.

Para o mesmo autor, conceitos de natureza epistemológica da história são aqueles que ajudam a compreender a natureza da história como ciência, envolvendo conceitos como evidência, causa, mudança, explicação, consciência histórica e narrativa, entre outros.

A ideia de literacia histórica é assumida na perspectiva dos estudos de Barca, ou seja, enquanto conjunto de competências de interpretação e compreensão do passado. Além disso, segundo a autora, atualmente, torna-se fundamental no ensino de história, a discussão em torno do desenvolvimento da consciência histórica associada à ideia de literacia enquanto vertente indispensável para que tal desenvolvimento ocorra (BARCA, 2006: 93-95).

Assim, a perspectiva assumida nessa modalidade de formação continuada tem possibilitado ao professor torna-se um “investigador” de sua prática pedagógica (BARCA, 2004: 134) e a aula de história passa a ser “o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer a seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade com a qual ele retome a atividade que edificou este conhecimento” (SCHMIDT, 2001: 57).

A partir desses pressupostos a formação continuada tem priorizado diferentes temáticas. Em 2010, privilegiou-se as questões sobre narrativa histórica, patrimônio material e imaterial, sendo que o curso recebeu o título *Patrimônio e narrativa histórica no ensino de história*. Para tanto, tomou-se como referência, entre outros estudos, a pesquisa desenvolvida por Tania Gayer Ehlke (2007/2008) denominada *Patrimônio imaterial e educação histórica*³. Em sua investigação, a autora analisa a importância do patrimônio imaterial como fonte de pesquisa na construção das ideias históricas dos alunos em duas turmas distintas: uma 6ª Série e uma 7ª Série do Ensino Fundamental. Os resultados da pesquisa mostraram que o patrimônio imaterial é uma fonte importante a ser utilizada na Educação Histórica, particularmente devido ao seu potencial para estabelecimento de empatia e da multiperspectividade histórica. Essas constatações apontadas pela autora foram pauta de reflexão

³ A pesquisa desenvolvida pelo Plano de Desenvolvimento Educacional do Paraná da Secretaria de Estado da Educação (PDE) contou com a orientação da Profa. Dra. Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt, Universidade Federal do Paraná, 2007/2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/160-4.pdf> Acesso em mar 2010.

durante a formação continuada e serviram de subsídios para que os professores desenvolvessem seus estudos exploratórios.

Em 2011, privilegiou-se as questões sobre fonte histórica disponível na internet, nesse sentido o curso recebeu o título: *O trabalho com fontes e a produção de narrativas em aulas de história: mediação das tecnologias da informação e da comunicação*. Tomou-se como subsídio, entre outros, o conceito de documento histórico a partir dos estudos de Schmidt e Cainelli (2010: 116), em que as autoras consideram o documento como vestígio deixado pelos homens, voluntária ou involuntariamente, e que este passou a ser entendido como produto da sociedade que o fabricou. Os professores foram orientados a buscar fontes históricas disponíveis em sites de história, possibilitando, segundo as autoras o diálogo do estudante com realidades passadas, bem como desenvolvimento do sentido da análise histórica.

Em 2012 e 2013 a parceria foi ampliada com o Arquivo Público do Paraná e o curso recebeu o título *O trabalho com arquivos e a literacia histórica: questões teóricas e práticas*, durante o qual professores e alunos tiveram acesso a diferentes fontes históricas do Arquivo Público do Paraná, tanto de forma presencial como as disponíveis no site do referido arquivo.

Nesse sentido, para a pesquisa de fontes históricas no Arquivo Público do Paraná, partiu-se do pressuposto defendido por Schmidt e Cainelli (2010: 152) de que o referido local *destaca-se pela ideia norteadora de demonstrar que parte do passado é guardada em um lugar para virar história por meio das fontes*. Além disso, no dizer das autoras, é importante a discussão do que é documento histórico e de como o documento se transforma em fonte para o historiador.

Em 2014 a parceria foi ampliada com Fundação Cultural de Curitiba, mais especificamente, com a Cinemateca, e o curso denominou-se *Arquivos, linguagens contemporâneas e literacia histórica*. O trabalho com acervo cinematográfico, disponível na Cinemateca, partiu da perspectiva de Schmidt e Cainelli (2009: 134-135), pois as autoras apontam que, especialmente no século XX, *o desenvolvimento e a expansão de novas linguagens culturais, como a fotografia, o cinema, a televisão e a informática, trouxeram novos desafios ao historiador e ao professor de história*. Os professores *além de compreender a natureza das novas linguagens e incorporá-las, perceberem-nas legitimadas como fonte para o estudo e a reconstrução do passado*.

Nesse sentido, a parceria com o referido local foi de fundamental relevância, na medida em que o mesmo tem como atribuição a “preservação da memória cinematográfica, a pesquisa e documentação”. (CURITIBA, 2013).

Como resultados concretos da participação de professores e professoras durante a formação continuada foram realizadas comunicações dos resultados de seus estudos exploratórios em diferentes eventos, conforme o quadro a seguir:

ANO	PARTICIPANTES CURSO	EVENTO	TRABALHOS APRESENTADOS	PROFESSORES/AS ENVOLVIDOS/AS
2010	18	X Jornadas Internacionais de Educação Histórica	6	7
		3º Seminário de Educação Histórica	6	7
2011	18	4º Seminário de Educação Histórica	7	7
2012	14	XII Jornadas Internacionais de Educação Histórica	8	10
		5º Seminário de Educação Histórica	8	12
2013	33	6º Seminário Brasileiro de Educação Histórica	7	9
		I Seminário de Educação Histórica – RME		
2014	19	7º Seminário Brasileiro de Educação Histórica	4	5
		II Seminário de Educação Histórica – RME		

Em 2010 e 2011, o curso foi oferecido no período da noite, pois a RME não garantia o dia de permanência concentrada no período de trabalho. Nesses anos tivemos a participação de dezoito (18) professores, destes, sete (07) apresentaram o resultado de suas investigações em eventos. Em 2010, nas *X Jornadas Internacionais de Educação Histórica* sediada na Universidade Estadual Londrina (UEL) e no *3º Seminário de Educação Histórica* organizado pelo LAPEDUH/UFPR; em 2011 no *4º Seminário de Educação Histórica*.

Alguns trabalhos apresentados em 2010: *Educação histórica e ensino de história: as ideias de jovens escolarizados sobre a segunda guerra mundial* (J. A. O.); *Unidade temática investigativa como procedimento na construção da narrativa histórica em sala de aula* (C. S. C.); *Comunidades quilombolas no Paraná: ação investigativa em aulas de história* (A. C. M.; L. H. X.), entre outros.

Alguns trabalhos apresentados em 2011: *História e juventude: diários pessoais e blogs como espaço de memória* (C. S. C.); *Como trabalhar com vídeos de internet: algumas possibilidades* (J. A. O.), entre outros.

Cabe ressaltar que durante o curso, em 2011, foi proposto aos professores organizar uma metodologia para ser divulgada no site do Portal de Educação Histórica⁴. O Portal foi implantado pelo LAPEDUH, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná, sob a coordenação da Professora Maria Auxiliadora Schmidt e conta com a participação de professores da escola básica e pesquisadores. Duas produções foram alocadas no Portal, a da professora Cláudia Caraméz e do professor Jackes Alves de Oliveira que estão disponíveis para consulta. Segundo as palavras do referido professor “O desafio de criar uma metodologia para se trabalhar com os vídeos de internet foi muito gratificante. Assim como em qualquer campo de trabalho, o professor sente-se vitorioso por superar desafios, mesmo que eles venham a todo momento.” (OLIVEIRA, 2011: 8).

A SME, em 2012, passa a garantir o dia de permanência concentrada (sexta-feira) no período de trabalho. Com isso, o curso foi oferecido no período da manhã e nesse contamos com a participação de quatorze (14) professores. Alguns participaram dos eventos organizados pelo LAPEDUH/UFPR, dez (10) professores fizeram suas comunicações nas XII Jornadas Internacionais de Educação Histórica e doze (12) no 5º Seminário de Educação Histórica.

Alguns trabalhos apresentados nos referidos eventos: *Arquivos e fonte histórica em aulas de história: repressão em Curitiba durante a segunda guerra mundial* (C. C. M. S.; M. S.); *O Arquivo Público na sala de aula: revolução industrial, nascimento do movimento operário e a greve de 1917 em Curitiba a partir do estudo de fontes históricas* (G. H. T.; M. G.), entre outros.

⁴ Portal de Educação Histórica – UFPR disponível no site <http://www.educahis.ufpr.br>

Em 2013, tivemos a participação de trinta e três (33) professores. Destes, nove (09) professores apresentaram seus trabalhos no 6º Seminário Brasileiro de Educação Histórica. Alguns trabalhos apresentados: *Indígenas na cidade: silêncio ou invisibilidade* (P. L. B.); *Nazismo no Brasil: a produção de narrativas críticas aos documentos* (S. L. F.), entre outros. Além disso, os professores apresentaram seus trabalhos no I Seminário de Educação Histórica – RME, organizado pela SME, sendo que o objetivo central desse evento foi o de divulgar e dar visibilidade aos resultados das investigações realizadas, na perspectiva da Educação Histórica, por professores e professoras em suas aulas de história.

Em 2014, contamos com a participação de dezenove (19) professores no curso, sendo que cinco (05) apresentaram trabalhos no 7º Seminário Brasileiro de Educação Histórica e no II Seminário de Educação Histórica – RME. Entre outras comunicações, contamos com as apresentações sob os títulos: *Filme documentário e a construção da empatia histórica: uma experiência a partir do documentário Xetás na Serra de Dourados* (WLP) e *Filme documentário e educação histórica: um estudo exploratório* (KAVM).

Para essa comunicação destaco o curso de 2014. O Curso consistiu, inicialmente, em uma pesquisa da equipe técnica da SME, juntamente com a equipe da Secretaria de Estado do Paraná (SEED), na Cinemateca para a seleção de películas que tratassem de temáticas que privilegiassem conceitos substantivos da História do Paraná e/ou Curitiba.

Após a análise do acervo selecionamos um total de 86 (oitenta e seis) filmes que foram organizados por temáticas: história local (24); patrimônio material e imaterial (17); conflitos/guerras (12); imigração (11 filmes); trabalho/industrialização (06); indígenas (06); mulheres (05); escravidão/quilombos (04); religiosidade (02); Paraná político (01).

Dentre os filmes indicados, os professores selecionaram aquele que poderia ser utilizado em suas aulas tendo em vista o conteúdo previsto para o ano.

Dentre as temáticas, a mais escolhida foi sobre a HISTÓRIA LOCAL, pelos professores de cinco (05) escolas, sendo que os filmes escolhidos foram *Em busca da Curitiba perdida* e *Curitiba: em busca da identidade perdida* (animação).

Os filmes indicados na temática INDÍGENAS foram selecionados por (04) quatro professores. O filme *Muiraquitã e Aldeia* por dois professores; o filme *Os Xetás na Serra de Dourados* por um (01) professor e *Pinturas rupestre no Paraná* por um (01) professor.

A temática TRABALHO E INDUSTRIALIZAÇÃO foi selecionada por duas (02) escolas. Sendo que (01) uma das escolas escolheu dois (02) filmes: *Cidade Industrial de Curitiba*, uma crônica e *Vila das Torres 2014 - Copa do Mundo de Futebol de 2014*. A outra escola escolheu o filme *Caminho de ferro: documentário sobre a história da ferrovia Curitiba-Paranaguá*.

O filme *A broa nossa de cada dia* classificado na temática referente às questões de PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL foi selecionado por uma escola. Assim como, o filme *Preto no branco – negros em Curitiba*, na temática ESCRAVIDÃO/QUILOMBOS, por uma escola.

Na temática CONFLITOS/GUERRAS foi selecionado o filme *Pátria redimida* por uma (01) escola e na temática PARANÁ POLÍTICO, o filme *Presos Comuns* por uma escola (01). Sendo que este último não era acervo da Cinemateca, mas disponível na *web*.

Os filmes indicados nas temáticas IMIGRAÇÃO, RELIGIOSIDADE e MULHERES não foram escolhidos.

O estudo exploratório: a relação entre a teoria e a prática

Para o desenvolvimento do estudo exploratório os professores receberam um instrumento de pesquisa que teve como objetivo investigar a relação entre os gostos fílmicos dos alunos e as aulas de história, sendo que uma das questões era para saber se o estudante já conhecia ou teria ouvido falar sobre a Cinemateca de Curitiba. Além disso, solicitou-se aos estudantes um desenho prévio de como imaginava ser esse local, utilizando os procedimentos adotados na perspectiva da aula-oficina de Barca (2004).

Para a fundamentação teórica e metodológica foram selecionados textos que foram condensados em um CD⁵ distribuído para todos os participantes do curso. Textos que tratam da questão de cinema e o ensino de História, como: *Cinema e história* de Marc Ferro (1992); *A história depois do papel* de

⁵ Ressalta-se que a impressão do CD e doação foi realizada pela equipe técnica da SEED/PR.

Marcos Napolitano (2008); *Cinema e história* – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas de José D’Assunção Barros (2011), além de textos para a fundamentação no âmbito da Educação Histórica, autores como Lee (2001; 2005), Barca (2004; 2006), Schmidt e Cainelli (2010), entre outros.

Para fins de análise destaco o trabalho desenvolvido no 6º ano pela professora Carla⁶. A professora iniciou as atividades selecionando um conteúdo indicado nas Diretrizes Curriculares (2006) que ainda não havia trabalhado, a questão das *Primeiras organizações sociais; vestígios arqueológicos; os primeiros habitantes do Paraná; arte na pré-história*. Esses conteúdos têm sido entendidos a partir dos estudos de Peter Lee (2001; 2005) como conceitos substantivos da história do Paraná, ou seja, são considerados como a substância da história do Estado.

Para desenvolver esses conteúdos a professora selecionou o filme documentário “*Pinturas Rupestres no Paraná*”⁷. Quanto aos procedimentos adotados pela professora, esta relata que após assistir o filme sentiu a necessidade de pesquisar o contexto em que o filme foi produzido e constatou que o referido filme fazia parte de um projeto denominado “500 anos da chegada da Colombo às Américas”. Buscou informações sobre o diretor, e constatou que, além de cineasta, ele era jornalista, roteirista e escritor.

Quanto ao filme, este trata do período considerado pela historiografia como a Pré-história paranaense, a região de Piraí do Sul e Tibagi onde foram encontradas pinturas rupestres. Consiste em um depoimento de um personagem da própria região, Sidnei dos Santos, além de imagens, legendas e trilha sonora. As imagens e legendas apresentam informações sobre o ano em que ocorreu o primeiro registro científico da localidade – 1956; como as pinturas eram feitas; a datação das pinturas, aproximadamente, 2.000 anos; sobre a questão de que nem todas as pinturas, na época da filmagem, haviam sido cadastradas; os cuidados que tiveram durante as gravações para não danificar a região; o descaso e omissão das autoridades em relação às pinturas. Além disso, o filme apresenta um desafio “*O que você pode fazer?*” “*Faça!*”

⁶ Nome fictício para preservar o sigilo das informações.

⁷ Direção de Valêncio Xavier, produzido em 1991/1992, 23 min.

Antes de exibir o filme para os alunos a professora organizou uma aula expositiva que tratava dos conteúdos: pré-história, arqueologia e pinturas rupestres a partir de um trabalho denominado *A arte rupestre no Paraná*, Cláudia Inês Parellada (2009). Além disso, fez um comentário sobre o filme, o diretor, produtores e o contexto de 1992 tendo como referência o trabalho de Maria Salete Borba (2009) *A poética de Valêncio Xavier: anacronismo e deslocamento*.

Após a exibição do filme propôs algumas questões problematizadoras:

- 1) *“Que filme é esse? Por que será que foi feito? Tem relação com o conteúdo que estudamos em aula? De que forma é possível estabelecer esta relação? Por que o tema tratado é importante? Por que vale a pena preservar as pinturas rupestres? Justifique:”*
- 2) *“Qual a mensagem o produtor quis passar ao tratar este tema? O que será que ele pretendia?”*
- 3) *“No seu entender, este filme apresenta algum tipo de “manipulação”? Qual? Como você percebe isso?”*

A professora em um trabalho colaborativo na perspectiva de IBIAPINA (2008), ou seja, ao longo do curso e com a apresentação das narrativas produzidas pelos alunos aos demais participantes do curso, sob a orientação da Profa. Maria Auxiliadora Schmidt, relacionando a teoria e a prática, pode-se nesse processo, dizer que as narrativas produzidas pelos alunos foram assim categorizadas:

a) Ênfase no conteúdo:

Em algumas narrativas ficou evidenciado como os alunos lidaram com o conceito substantivo da história, nesse caso, pintura rupestre no Paraná. Os alunos expressaram suas ideias em relação ao respectivo conceito a partir da narrativa do filme. Exemplo de narrativa:

As pinturas rupestres no Paraná

Eu assisti a um filme chamado Pinturas Rupestre no Paraná, ele conta que eles desenharam vários tipos de coisas nas paredes das cavernas tinha cenas de bichos, rostos de pessoas em pedras e o mais interessante é que eles desenhavam usando carvão e sangue de animais.

b) Ênfase na análise do filme:

Alguns alunos demonstram em suas narrativas como lidaram com o filme como fonte, os alunos transformaram o filme em evidência e construíram argumentos sobre a produção do filme, mensagem

que o filme transmitiu, a intenção do diretor e a preocupação com as pinturas como evidência do passado para as gerações futuras.

Esses homens que produziram o filme não tinham interesse em fazer um filme para ganhar dinheiro e por isso que acho que o filme trata de um assunto muito importante.

A mensagem que o filme quer transmitir é que se os governos e as pessoas não cuidarem, há o perigo de que as pinturas vão desbotar e desaparecer para sempre, e nós não vamos conhecer o passado dos povos do nosso Estado.

c) Ênfase na mensagem do filme:

Alguns alunos conseguiram atribuir significados ao filme. Nessas narrativas pode-se observar como os alunos estabeleceram a relação entre passado, presente e futuro.

Tem uma parte do filme que fala sobre o que você pode fazer para mudar esta realidade e talvez, me tornar um arqueólogo, manifestar minha opinião cuidar delas [pinturas] quando crescer.

A professora apontou algumas conclusões após o estudo exploratório, de que: percebeu que o filme permite decifrar valores da sociedade que o produziu; é possível desenvolver o gosto pela análise histórica trabalhando filmes nas aulas de história; a superação da ideia do filme como ilustração e/ou complemento dos conteúdos estudados.

Algumas considerações foram apontadas pela docente durante curso: a de que o percurso do trabalho desenvolvido pela professora foi muito bem explicitado; a professora foi à teoria e didatizou a teoria; demonstrou como superou a ideia de filme como recurso; transformou a fonte em evidência.

Considerações finais

Algumas considerações podem ser apresentadas, em relação à concepção adotada nas Diretrizes Curriculares a partir da perspectiva da Educação Histórica observa-se que, de modo geral, mudou a forma como o professor tem se relacionado com os conteúdos a serem trabalhados, na medida em que ao partir das ideias tácitas dos alunos organiza a sua ação didática buscando diferentes fontes históricas tendo em vista as carências de orientação apresentadas pelos alunos.

Em relação à formação continuada, mais especificamente, em relação aos cursos oferecidos em parceria com o LAPEDUH/UFPR, pode-se dizer que a sistemática adotada tem trazido contribuições valiosas tanto para os professores envolvidos, como para os alunos, na medida em que esses

profissionais estão tendo acesso às discussões trazidas por pesquisadores nacionais e internacionais que têm se preocupado com o ensino e aprendizagem no âmbito da Educação Histórica.

Ainda em relação às considerações de Schmidt (2014) sobre as investigações dos professores e professoras durante o curso ela aponta que “*aprender história é construir uma estrutura utilizável em relação ao passado relacionada às questões da vida prática. Isso não significa relação com a vida cotidiana, mas significa a construção de uma capacidade de orientação temporal crítica em relação à nossa vida e a vida dos outros*”.

Para finalizar, pode-se dizer que o ensino de história na perspectiva da educação histórica tem assumido um papel importante na RME, pois os professores têm percebido que é fundamental levar para a sala de aula os procedimentos metodológicos usados pelos historiadores em situações de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARCA, I. Aula Oficina: do projecto à avaliação. In: BARCA, I. (Org.). **Para uma educação histórica com qualidade**. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004. p.131-144.

_____. Literacia e consciência histórica. **Educar em Revista**. Curitiba: Editora UFPR, p. 93-112, 2006.

BARROS, J. D’A. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. In: **Comunicação & Sociedade**, Ano 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun. 2011.

BORBA, Maria Salete. **A poética de Valêncio Xavier: anacronismo e deslocamento**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009.

CURITIBA. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba**. Prefeitura Municipal de Curitiba. Secretaria Municipal da Educação. Vol. 3 Ensino Fundamental. Curitiba: SME, 2006.

_____. **Cinemateca de Curitiba**. Apresentação. Disponível em: <http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/cinemateca-de-curitiba/>. Acesso em: 28/11/2013.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.



13

DUBET, F.; MARTUCELLI, D. **En la escuela: sociologia de la experiencia escolar**. Barcelona: Losada, 1997.

EHLKE, T. G. **Patrimônio imaterial e educação histórica**. Plano de Desenvolvimento Educacional do Paraná da Secretaria de Estado da Educação - PDE2007/2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/160-4.pdf> Acesso em mar 2010.

FERRO, M. **Cinema e história**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

IBIAPINA, M. L. M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

LEE, P. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, I. (Org.). **Perspectivas em educação histórica: Actas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Minho: Universidade do Minho, 2001.

_____. Putting principles into practice: understanding history. In: BRANSFORD, J. D.; DONOVAN, M. S. (Eds.). **How students learn: history in the classroom**. Washington (DC): National Academy Press, 2005.

NAPOLITANO, M. A história depois do papel. In: PINSKI, C. B. (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, J. **Como trabalhar com vídeos de internet**. In: Portal de Educação Histórica. Disponível: <http://www.educahis.ufpr.br/docs/59cc0bbb25dda87043d500a5eb03cc13.pdf>. Postado em 12/12/2011. Acesso em: 10/06/2012.

PARELLADA, C. I. A arte Rupestre no Paraná. **R.cient./FAP**, Curitiba, v .4, n.1 p.1-25, jan./jun. 2009.

RÜSEN, J. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas**. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

SCHMIDT, M. A. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001. (Repensando o ensino).

SCHMIDT, M. A. Anotações durante o curso **Arquivos, linguagens contemporâneas e literacia histórica**. 14/10/2014.

SCHMIDT, M.A.; CAINELLI, M. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2010.